



RELATO DE EXPERIÊNCIA

A FEIRA AGROECOLÓGICA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM SOBRE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANCs)

Anielle Chaves de Araújo Brandão¹, Rafaela Kleinhans Pereira¹, Gabriela Albuquerque Marmo de Oliveira¹, Nathiene Patrícia Ferreira Amaral Rolim¹, Reginaldo de Carvalho², Joelliton Domingos de Oliveira².

RESUMO

Objetivo: Descrever os aprendizados, desafios e potencialidades pedagógicas de uma aula de campo da disciplina sobre Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) em uma feira agroecológica. **Métodos:** A atividade ocorreu em 19 de junho de 2026, no Campus de uma Universidade pública federal localizada em João Pessoa/PB, no contexto de uma disciplina de doutorado. Participaram cinco discentes e dois professores em busca de promover a identificação *in loco* de plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e a reflexão sobre seu papel na segurança alimentar, soberania alimentar e bioeconomia, a partir da identificação de PANCs comercializadas e do diálogo com os agricultores familiares. **Resultados:** Por meio da observação participante e do diálogo com agricultores familiares, foram identificadas dez PANCs. A experiência evidenciou a potência pedagógica da relação dialógica entre academia e campo, produzindo aprendizados nas dimensões botânica, etnobotânica, política, econômica e pedagógica, que dificilmente seriam alcançados em ambiente acadêmico convencional. **Considerações finais:** Feiras agroecológicas constituem espaços privilegiados de aprendizagem potencial com vistas a fortalecer a segurança alimentar, a soberania alimentar e a bioeconomia, com ênfase para as PANCs, a partir da valorização da conexão entre saberes científicos e tradicionais.

Descritores: Plantas alimentícias não convencionais; Segurança alimentar; Agricultura familiar; Biodiversidade; Sustentabilidade.

ABSTRACT

Objective: To describe the learning outcomes, challenges, and pedagogical potential of a field class from a course on Unconventional Food Plants (UFPs), conducted at an agroecological fair. **Methods:** The activity took place on June 19, 2026, at the campus of a federal public university located in João Pessoa/PB, within the context of a doctoral course. Five students and two professors participated, aiming to promote the *in loco* identification of unconventional food plants (UFPs) and to foster reflection on their role in food security, food sovereignty, and the bioeconomy, based on the identification of commercialized UFPs and dialogue with family farmers. **Results:** Through participant observation and dialogue with family farmers, ten UFPs were identified. The experience highlighted the pedagogical power of the dialogic relationship between academia and the field, generating learning across botanical, ethnobotanical, political, economic, and pedagogical dimensions that would hardly be achieved in a conventional academic setting. **Conclusion:** Agroecological fairs constitute privileged spaces of potential learning aimed at strengthening food security, food sovereignty, and the bioeconomy, with an emphasis on UFPs, through the valorization of the connection between scientific and traditional knowledge.

Keywords: Unconventional food plants; Food security; Family farming; Biodiversity; Sustainability.

¹ Discentes do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

² Docentes do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente (PRODEMA), Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O surgimento da agricultura, há dez mil anos, impactou de forma considerável as relações humanas com a natureza e com a alimentação natural. Durante a Revolução Verde, que implementou tecnologias no contexto da agricultura, foram adicionados maquinários e, com eles, uma variedade de agrotóxicos com o discurso do aumento da produtividade, associado com a agroindústria alimentar da produção de alimentos processados que aumentam a vida de prateleira dos alimentos. Como consequência, perdeu-se qualidade, nutrição e vitalidade (Crosara, 2025).

Considerando que a alimentação é uma das atividades mais importantes do ser humano, além de ser uma atividade de socialização, a construção do hábito alimentar sofre influência de diversos fatores econômicos, sociais, ambientais, culturais dentre outros que no contexto do etnoconhecimento em saúde tem grande relevância. A busca por uma alimentação saudável tem ganhado notoriedade e espaço em inúmeras ações e em políticas públicas no Brasil e no mundo, especialmente pela necessidade de reduzir os altos índices de manifestação de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) em diferentes grupos populacionais.

No âmbito das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) a difusão de conhecimentos, bem como o acesso aos sujeitos detentores de informações sobre espécies, uso e formas de cultivos tem sido cada vez mais estudados pelas instituições de ensino e pesquisa, demonstrando tanto sua importância acadêmica socioambiental e econômica a luz da soberania alimentar.

A existência de feiras agroecológicas em diferentes espaços públicos têm demonstrado uma excelente oportunidade de aproximar os produtos cultivados, quase sempre oriundo da agricultura familiar, dos seus consumidores, favorecendo ainda a disseminação de conhecimento ímpar na perspectiva daquele que cultiva, consome e comercializa as plantas e produtos originários.

Vale ressaltar que de acordo com o último Censo Agropecuário de 2017, o mais recente divulgado pelo IBGE, mostrou que a agricultura familiar representa 77% dos estabelecimentos rurais do país, ocupando 23% da área total e empregando 67% das pessoas ocupadas na agropecuária. Apesar de concentrar a maior parte dos estabelecimentos e da mão de obra, o setor respondeu por apenas 23% do valor bruto da produção agropecuária nacional. Ainda assim, a agricultura familiar tem papel central na segurança alimentar do Brasil, sendo apontada como responsável por mais da metade dos alimentos que compõem a cesta básica nacional, com destaque para produtos como mandioca, feijão, leite e milho, poucos dados existem em relação a produção e comercialização de PANCs (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017).

Levando isso em consideração a comercialização de alimentos e outros produtos nas feiras agroecológicas, tem grande relação com o fortalecimento da segurança alimentar e nutricional (SAN) da comunidade onde estão inseridas, visto que objetivam aproximar os produtores dos consumidores diretos, bem como comercializar os seus insumos a preços justos para os envolvidos. Elas corroboram, portanto, para a construção de práticas sociais relacionadas às dimensões da SAN, pois colocam aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no centro dos sistemas e políticas alimentares.

A realização de feiras agroecológicas contribui diretamente na consolidação do direito humano à alimentação e nutrição adequada (DHANA), conforme prevê a Lei n 11.346/06, também denominada de Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) (Brasil, 2006). Isso porque, segundo Clemente et al. (2025), as práticas agrícolas ecológicas fortalecem a soberania alimentar ao oportunizar o direito de escolha da forma de produção, possibilitando ao agricultor definir suas práticas de produção, distribuição e consumo de alimentos, respeitando a cultura local e a biodiversidade, onde a mulher desempenha um papel essencial.

A promoção institucional das feiras, por sua vez é adequado para a promoção do conhecimento, reconhecimento e consumo de alimentos que historicamente foram abandonados frente a uma cultura alimentar globalizada. Nesse contexto, as PANCs surgem como grupo de plantas que tem um potencial nutricional e econômico viável que deixaram de ser valorizadas e reconhecidas pela sociedade como fonte de energia e nutrientes, limitando por vezes o conhecimento e consumo pelas populações tradicionais, idosos, e estudiosos da área. Logo, as feiras agroecológicas constituem um excelente espaço para reconectar a população com esse saber tradicional, incorporando seu consumo aos hábitos contemporâneos, a gastronomia e o consumo medicinal, de modo a agregar esse conhecimento a SAN e à saúde humana.

Isto posto, objetiva-se descrever os aprendizados, desafios e potencialidades pedagógicas de uma aula de campo da disciplina sobre Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) em uma feira agroecológica

2. MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina “Plantas Alimentícias Não Convencionais” (PANCs) no Contexto da Segurança Alimentar, ofertada em um Programa de Pós-graduação Stricto Sensu.

A aula de campo, com duração de quatro horas, foi realizada no dia 19 de junho de 2026, durante uma feira da reforma agrária, desenvolvida no estacionamento de uma instituição de ensino, localizada em João Pessoa/PB.

Participaram da atividade cinco discentes matriculados na disciplina e dois professores responsáveis pela mediação do processo pedagógico. A metodologia empregada foi de natureza qualitativa, tendo como principais técnicas a observação participante (Minayo, 2001).

Assim foi realizado um caminhar pelos estandes dos agricultores familiares, com identificação e registro fotográfico das PANCs presentes; em uma relação dialógica com os agricultores feirantes sobre o cultivo, uso e saberes relacionados às plantas; e reflexão coletiva ao final da aula, conduzida pelos professores.

Como instrumento de registro e coleta de dados primários, foi utilizado um diário de campo. Nele, foram anotadas de forma cronológica as observações objetivas do ambiente físico, as espécies identificadas, falas e saberes populares compartilhados pelos produtores, bem como as reflexões teóricas e impressões sensoriais capturadas ao longo da vivência. Para além, foram realizados registros fotográficos.

A identificação das PANCs foi realizada com base no referencial de Kinupp e Lorenzi (2014) e nos conhecimentos etnobotânicos mobilizados pelos próprios feirantes, docentes e discentes.

Posteriormente, os registros textuais foram organizados e categorizados, servindo de base para a sistematização da experiência (Holliday, 2006) e para a análise reflexiva apresentada neste relato.

Não houve envolvimento de seres humanos como sujeitos de pesquisa nos termos da Resolução CNS nº 466/2012, tratando-se de um relato de atividade pedagógica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O contexto de uma feira da reforma agrária como espaço pedagógico

A feira da reforma agrária, local proposto para a aula de campo, revelou um espaço vibrante e politicamente significativo. Para os doutorandos e professores da disciplina, esse cenário representou um laboratório vivo, onde a biodiversidade alimentar se materializou em bancadas, cestas e troca de saberes. A programação do evento, que incluía a apresentação de políticas públicas para a agricultura familiar e uma roda de diálogo sobre essas políticas, conferia ao espaço uma dimensão político-pedagógica que enriqueceu significativamente a experiência de campo.

Nesse sentido, o percurso das PANCs, desde a mesa das famílias rurais até as feiras e, destas, até os consumidores urbanos revela não apenas a complementaridade entre campo e cidade, mas também ilumina práticas, visões de mundo e formas de organização social que estruturam as relações entre produtores e consumidores de alimentos (Ribeiro; Menasche, 2019).

Essa dimensão foi vivenciada de forma concreta pelos participantes da aula de campo, que puderam observar como o espaço da feira opera simultaneamente como mercado, sala de aula, território de resistência e lugar de encontro entre o saber científico e o saber tradicional dos agricultores, confirmando que o processo de ensino aprendizagem sobre PANCs pressupõe estar presente onde elas existem e circulam.

3.2 Identificação das PANCs

Um dos momentos mais ricos e desafiadores da aula de campo foi o processo de identificação das PANCs presentes entre os produtos expostos pelos feirantes. O grupo percorreu os estandes atentos à presença de espécies que, embora comestíveis e nutritivas, não ocupam, rotineiramente, os espaços convencionais de comercialização de alimentos em outros espaços.

Foram identificadas entre os produtos expostos diversas espécies com características de PANCs, evidenciando um patrimônio etnobotânico de enorme valor, cultivado e transmitido ao longo de gerações. Essa constatação dialoga diretamente com o que Ribeiro e Menasche (2019) colocam ao afirmar que as famílias rurais têm contribuído para fortalecer a noção de PANC, porque, ainda que classificadas pelas ciências dos alimentos, são os agricultores que constroem no imaginário dos consumidores das feiras que determinada PANC não é apenas uma planta com potencial nutritivo, mas comida.

Nesse ínterim, o primeiro desafio enfrentado pelo grupo foi o do reconhecimento: nem sempre a nomenclatura popular utilizada pelos feirantes correspondia imediatamente aos nomes científicos ou aos nomes populares mais difundidos na literatura. Essa constatação evidenciou que o conhecimento sobre PANCs não é linear nem homogêneo, ele é situado, cultural e territorialmente enraizado, variando conforme a região de origem, o bioma e a história de cada família agricultora.

O segundo desafio foi o da visibilidade: algumas PANCs estavam presentes nos estandes sem qualquer destaque ou identificação, misturadas a outros produtos. A identificação prévia de diversas plantas foi possível devido a especialidade botânica de alguns dos estudantes, entretanto, esse desafio pode ser minimizado pela mediação tecnológica, por meio do uso de aplicativos de reconhecimento botânico por imagem, a exemplo do Google Lens e PlantNet, que permitiram aos

estudantes identificar as espécies em tempo real a partir de registros fotográficos das folhas e estruturas das plantas.

Foram identificados e obtidos os registros fotográficos de dez PANCs apresentadas na imagem 1. Entretanto, vale salientar que outras variedades como taioba, mangará da bananeira, maxixe e moringa em pó também estavam sendo comercializadas na feira.



Imagem 1: PANCS identificadas na feira. Da esquerda para direita: Quiabo de metro (*Trichosanthes cucumerina*), Beijo (*Impatiens walleriana*), Begônia (*Begonia maculata*), Crista de galo (*Celosia argentea*), Ora-pro-nóbis (*Pereskia*

Nesse sentido, a vivência prévia de alguns alunos, professores e produtores configurou-se como um elemento facilitador perante essa dificuldade, viabilizando uma potente troca de conhecimentos. Essa percepção é relevante ao considerar o trazido por Crosara (2025) ao afirmar que os saberes populares e científicos nos possibilitam o conhecimento sobre a origem do alimento consumido e nos inspiram a estabelecer contato e uma relação de parceria com o (a) agricultor (a) e as infinitas possibilidades de alimentos disponíveis para nossa nutrição.

Vale ressaltar que por meio da observação participante e do diálogo com agricultores familiares, das dez PANCs identificadas, o uso indicado pelos agricultores foram de apenas quatro plantas comercializadas com potencial alimentício - Quiabo de metro (*Trichosanthes cucumerina*), Ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), Pitomba (*Talisia esculenta*), Folhagem da cenoura (*Daucus carota*), cinco com potencial ornamental - Beijo (*Impatiens walleriana*), Begônia (*Begonia maculata*), Crista de galo (*Celosia argentea*), Bastão da imperatriz (*Etlingera elatior*), Flor da vitória (*Tagetes erecta*) e uma com potencial medicinal - Cúrcuma (*Curcuma longa*).

3.3 O diálogo com os camponeses: a potência do saber popular

A dimensão mais transformadora da aula de campo foi, sem dúvida, o diálogo direto com os agricultores. Em conversas informais realizadas durante o percurso na feira, os agricultores compartilharam saberes que, possivelmente, não estão registrados na literatura científica e que só existem na memória viva das comunidades rurais.

Essa constatação reforça a relevância desse tipo de experiência formativa, uma vez que, embora a utilização de PANCs faça parte da cultura e das práticas agrícolas de muitas comunidades brasileiras, ainda são escassos os estudos sobre essas espécies, o que resulta no desconhecimento e na negligência desses recursos alimentares por parcela significativa da população (Tuler; Peixoto; Silva, 2019).

Deste modo, para os doutorandos, habituados ao ambiente acadêmico e/ou laboratorial, o contato com o saber dos agricultores produziu um deslocamento epistemológico importante: a percepção de que o conhecimento sobre PANCs não começa, necessariamente, na universidade, mas nas mãos e na memória de quem planta, colhe, cozinha, preserva.

O contato direto com aqueles que trabalham a terra, os alimentos e suas preparações é imperativo para que haja uma valorização tanto dos sujeitos produtores na perspectiva da agricultura familiar como da valorização das tradições e saberes dessas comunidades que se estabeleceram a partir de uma relação produtiva, duradoura e sustentável com a terra.

Durante a aula prática, em contato permanente com os comerciantes e produtores foi possível compreender a relação desses sujeitos com os produtos comercializados que frequentemente são produzidos no âmbito da agricultura familiar. Compreender o arranjo produtivo e econômico observado na feira foi indispensável para reconhecer a integração de redes de bioeconomia nos mais diferentes segmentos. Esse modelo de desenvolvimento pautado na bioeconomia de produtos da agricultura familiar, e especialmente no âmbito da PANCs é de grande relevância, pois promove tanto a disseminação de conhecimento sobre as mesmas, como o emprego de conhecimentos tradicionais de forma sustentável no cultivo, forma de preparo e consumo, utilizados na produção dos alimentos que vão desde doces, geleias, bolos, bebidas dentre outros, demonstrando a viabilidade do seu uso.

A realização de uma aula prática em uma feira agroecológica possibilitou reflexões nos diversos campos do saber, desde a pedagogia, economia, gastronomia, biologia, nutrição, meio ambiente, agronomia e dentre outros, mas especialmente no campo socioambiental. Isso porque os agricultores familiares compõem um grupo social que historicamente foram invisibilizados pelo estado e sociedade, mas que tem contribuído para o desenvolvimento econômico local e na socioambiental. Ao atuarem na produção de alimentos e na oferta em meio de feiras, possibilita o acesso físico e econômico de alimentos pela população, com preços justos e forma regular, atuando portanto na consolidação da SAN local e regional.

No aspecto socioambiental, os comerciantes e agricultores reportam que os alimentos comercializados são cultivados ou colhidos em espaços delimitados em sua propriedade, sem desmatamento de grandes áreas, pois não há espaços para expansão. Quanto à forma de cultivo, relatam que fazem uso da rotação de culturas com cultivo diversificado, evitando o monocultivo em larga escala. A realização da rotação de culturas associadas com adubação com compostos e adubos orgânicos promove a conservação da biodiversidade e reduz o desgaste do solo.

No aspecto social, os agricultores que comercializam seus produtos nas feiras agroecológicas relatam que não recebem assistência técnica dos órgãos públicos para melhorar sua produção, e que realizam o cultivo dos seus produtos da mesma forma que seus pais e antepassados, utilizando portanto saberes tradicionais do cultivo da produção de alimentos. Os produtos por eles cultivados e produzidos são destinados em parte para consumo da sua família, e venda de parcela da produção que complementam a renda familiar. Esse panorama contribui para que as famílias permaneçam no campo com dignidade, trabalhando a terra de forma a reduzir os impactos ambientais inerentes a sua atividade.

3.4 Desafios pedagógicos e aprendizados

A experiência revelou desafios tanto de ordem prática quanto epistemológica. Do ponto de vista prático, o ambiente da feira, com seu movimento intenso, sons e estímulos múltiplos, exigiu dos participantes uma atenção dividida e uma capacidade de adaptação que nem sempre é necessária no ambiente acadêmico convencional. A identificação botânica em campo, sem laboratório ou literatura de referência imediata, demandou o acionamento de conhecimentos prévios e a negociação coletiva de saberes entre estudantes e professores.

Do ponto de vista epistemológico, o maior desafio foi o da suspensão temporária das categorias acadêmicas para escutar genuinamente o que os camponeses tinham a dizer. A tendência de "encaixar" o saber popular em categorias científicas pré-estabelecidas, identificando uma planta pela sua nomenclatura latina antes de perguntar ao feirante como ele a chama e como a usa, por exemplo, foi um obstáculo real, percebido e refletido coletivamente ao final da aula.

Os aprendizados, por sua vez, foram múltiplos e se distribuíram em diferentes dimensões. Na dimensão botânica e nutricional, o grupo ampliou seu repertório de espécies identificáveis em campo. Na dimensão etnobotânica, compreendeu que o conhecimento sobre PANCs é inseparável do contexto cultural, territorial e histórico em que é produzido. Na dimensão política, percebeu que feiras dessa natureza constituem espaço de disputa por narrativas sobre alimentação, soberania alimentar e direito à terra, dimensões que atravessam diretamente o campo da Segurança Alimentar.

Por fim, na dimensão pedagógica, tanto estudantes quanto professores reconheceram que a aula de campo produziu aprendizados que dificilmente seriam alcançados com aulas expositivas, leituras de artigos científicos e práticas em laboratório. A presença física no espaço da feira, o contato sensorial com as plantas, os cheiros, as cores e as histórias dos feirantes constituíram uma forma de conhecimento que complementou e enriqueceu o conhecimento científico formalizado.

Cabe aqui colocar que como posto por Freire (1996) a dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto, sendo fundamental que professor e alunos percebam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, ao falar ou ouvir.

Para além da reflexão e revisitação de conhecimentos discutidos previamente em sala de aula, a atividade se mostrou potente em empoderar os estudantes para um próximo produto: a produção de um *e-book* sobre PANCs, uma vez que através dessa atividade foi possível se aproximar não apenas da identificação botânica mas, sobretudo, da importância que, as ali

nomeadas, exerce no contexto da segurança alimentar, soberania alimentar e bioeconomia da região.

Essa dimensão formativa reafirma a importância da difusão de conhecimentos em torno das PANCs ao ultrapassar os muros das universidades ao alcançar diferentes espaços sociais. Exemplo disso são as experiências registradas em municípios como Porto Alegre, onde não são raras as atividades envolvendo essas plantas, abrangendo desde feiras de mudas e sementes a caminhadas guiadas por agricultores, estudantes e pesquisadores, com o intuito de identificar as PANCs em diferentes localidades (Ribeiro e Menasche, 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de campo evidenciou que espaços de comercialização agroecológica e de agricultura familiar constituem territórios privilegiados de aprendizagem para a formação em nível de doutorado, especialmente no campo das PANCs, da Segurança Alimentar e da bioeconomia.

A relação dialógica entre pesquisadores e agricultores familiares, proposta como metodologia pedagógica, mostrou-se fundamental com vistas a contribuir para construir uma compreensão mais complexa e situada sobre a biodiversidade alimentar brasileira.

Os desafios identificados apontam para a necessidade de que a formação acadêmica, em todos os seus níveis, incorpore metodologias ativas e experiências de campo que coloquem os estudantes em diálogo real com os sistemas alimentares locais e com os sujeitos que os produzem.

Como limitação deste relato, destaca-se o número reduzido de participantes e o caráter pontual da atividade, que não permite generalizações sobre impactos de longo prazo na formação dos doutorandos. Recomenda-se que atividades desta natureza sejam sistematizadas e incorporadas de forma regular ao currículo das disciplinas de pós-graduação.

5. REFERÊNCIAS

1. CLEMENTE, Ana Paula Grotti et al. Feiras agroecológicas e orgânicas em Maceió: soberania alimentar e protagonismo feminino camponês. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6327/2494>. Acesso em: 25 jun. 2026.
2. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

3. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-agropecuario.html>. Acesso em: 9 jul. 2026.
4. LUCYANE, Crosara,. **Receitas para o equilíbrio: antroposofia, ayurveda, zen-budismo e pangs**. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2025. *E-book*. p.32. ISBN 9788578817909. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788578817909/>. Acesso em: 09 jul. 2026.
5. KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2014.
6. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
7. OLIVEIRA, João Batista de. Feiras Agroecológicas como Espaços de Resistência: a Cultura Local e o Fortalecimento da Agricultura Familiar no Semiárido. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 - Anais do 2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. – Recife, PE - v. 20, no 1, 2025.
8. RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral; MENASCHE, Renata. A vida social das PANC: um estudo etnográfico em feiras ecológicas de Porto Alegre. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 20, n. 51, p. 263-277, dez. 2019. DOI: 10.22456/1984-1191.95307. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.95307>. Acesso em: 25 jun. 2026.
9. TULER, Ana Claudia; PEIXOTO, Ariane Luna; SILVA, Nívea Dias da. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 70, e01142018, 2019. DOI: 10.1590/2175-7860201970017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/t6QpNtZ8dcwsLzZsSPCXhSg/>. Acesso em: 10 jul. 2026.